

Relacionamentos Virtuais e Família: Enlaces Interculturais¹

Ieda Tinoco Boechat²
Hildeliza Lacerda Tinoco Boechat Cabral³
Carlos Henrique Medeiros de Souza⁴

RESUMO

Considerando que as mídias digitais têm participado das manifestações culturais relativas aos ritos de namoro e de casamento, este artigo analisa a constituição de família influenciada pelas novas tecnologias digitais e busca respostas para as questões: de que modo um relacionamento entre duas pessoas que se dá, inicialmente, por meio das mídias digitais pode se tornar casamento? De que modo as mídias digitais têm participado das manifestações culturais relativas ao namoro e ao enlace matrimonial? A pesquisa qualitativa disserta sobre a relação entre as mídias digitais e os relacionamentos virtuais; discute a subcultura familiar na concepção sistêmica; apresenta a constituição de uma família influenciada pelas novas mídias digitais, a partir da entrevista realizada com o casal M.R.J. e P.C.J., desconstruindo ideias e apresentando novas conjecturas quanto a relacionamentos virtuais e família.

PALAVRAS-CHAVE

Mídias digitais; proximidade virtual; conexões geracionais; interculturalidade.

Virtual Relationships and Family: Intercultural Links

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem do CCH-Uenf, Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário São José de Itaperuna, Psicóloga e terapeuta de família; e-mail: iedatboechat@hotmail.com

³ Mestra e doutoranda do Programa de Cognição e Linguagem da UENF. Doutoranda em Ciências Jurídicas pela UNLP, Argentina. Membro efetivo da Asociación Argentina de Bioética Jurídica UNLP. Membro do Comitê de Ética da Universidade Iguazu (Itaperuna) e da FAMESC (Bom Jesus do Itabapoana). Membro da Academia Itaperunense de Letras.

⁴ Professor Associado I da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF). Coordenador da Pós-Graduação (Mestrado & Doutorado) Interdisciplinar em Cognição e Linguagem (PGCL/ UENF). Doutorado em Comunicação e Cultura (UFRJ). Mestrado em Educação, pós-graduação em gerência de informática e pós-graduação em produção de software (UFJF). Bacharel em Direito, Licenciado em Pedagogia (UNISA) e Bacharel em Informática (CES/JF).

ABSTRACT

Considering that digital media have participated in cultural events relating to dating and marriage rites, this paper analyzes the family constitution influenced by new digital technologies and seeks answers to the questions: how can a relationship between two people that is initially given through digital medias become marriage? How have digital medias been involved in cultural manifestations related to dating and marriage? Qualitative research discusses about the relation between the digital medias and the virtual relationships; discusses the family subculture in the systemic conception; presents the constitution of a family influenced by new digital medias, from the interview conducted with the couple M.R.J. and P.C.J., deconstructing ideas and presenting new conjectures about virtual relationships and family.

KEY-WORDS

Digital medias; virtual proximity; generational connections; interculturality.

Introdução

A virtualidade do mundo digital vem impactando a sociedade de diversas formas e vem modificando os modos de (con)viver das pessoas. O comércio virtual, a pesquisa *on-line*, os relacionamentos virtuais e a constituição de famílias por meio das mídias digitais são fatos que se podem constatar no cenário sociocultural neste tempo histórico. As tecnologias digitais vêm, então, participando também efetivamente das manifestações culturais concernentes ao namoro e ao casamento ao se fazer presentes em seus rituais de celebração.

Famílias são o encontro de vidas, de histórias, de raças, de etnias, de culturas. Atualmente, esses encontros parecem não acontecer apenas pela proximidade física, mas também pela proximidade virtual, em que pesem as controvérsias que permeiam o imaginário social nessa construção.

Nesse contexto, o presente artigo discute a constituição de família influenciada pelas mídias digitais com o objetivo de analisar os relacionamentos virtuais por meio dos quais as pessoas começam a se relacionar de modo desprezioso e passam a se interessar umas pelas outras de maneira pessoal, tornando-se mais próximas e mais íntimas a ponto de constituir uma família, bem como a participação das mídias digitais nos processos comunicacionais expressos nas manifestações culturais no âmbito familiar, em específico, neste estudo, os rituais de namoro e casamento. A pesquisa apresenta, assim, a história de

M.R.J. e P.C.J., a fim de ilustrar as proposições teóricas que aqui se formulam, ao problematizar as seguintes questões: de que modo um relacionamento entre duas pessoas que se dá, inicialmente, através das mídias digitais pode se transformar em casamento? De que modo as mídias digitais têm participado das manifestações culturais relativas ao namoro e ao enlace matrimonial?

Este estudo desenvolve-se a partir de metodologia qualitativa quanto ao problema, exploratória quanto aos objetivos e pesquisa bibliográfica e entrevista, quanto aos procedimentos. Baseando-se na obra de autores como McGoldrick (2003), Bauman (2004), Souza (2003), Cabral et al. (2016), Boechat (2017) e Lemos e Lévy (2014), o artigo dispõe-se a investigar o que propõe como objetivos específicos: estabelecer a relação entre as mídias digitais e os relacionamentos virtuais; descrever acerca da subcultura familiar na concepção sistêmica; discutir a constituição de família influenciada pelas novas tecnologias da informação e comunicação, a partir da história do libanês M.R.J., empresário de 40 anos, e da brasileira P.C.J., médica veterinária de 34 anos.

As mídias digitais e os relacionamentos virtuais

As mídias são os meios de comunicação. As tecnologias digitais são inauguradas pelos computadores. As novas mídias digitais compõem a tecnologia da informação e comunicação, que se utiliza de dispositivos como computadores, *smartphones*, *tablets*, *iPhones*, de ferramentas, como o *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, e de aplicativos como *WhatsApp* e *Viber*, para veicular a informação e propiciar a comunicação entre as pessoas, por meio da internet.

O *Facebook*, por exemplo, funciona por meio de perfis e comunidades, como afirma Recuero (2009), fundamentando-se em Boyd e Ellison (2007); os perfis só podem ser vistos por usuários que participam dessa rede social, sendo, portanto, considerada mais privada que outras. Neles, os usuários podem acrescentar jogos e ferramentas e podem personalizar ainda mais os perfis, criando novos aplicativos. O *Twitter*, por sua vez, consoante a autora, permite que sejam escritos textos de, no máximo, 140 caracteres, respondendo à indagação: “O que você está fazendo?”. O *twitter* escolhe quem quer seguir e por quem quer ser seguido,

personalizando suas páginas por meio de pequenos perfis. As mensagens podem ser públicas (janelas particulares) ou privadas (inserindo “@”, antes do nome do destinatário).

O *WhatsApp* é um aplicativo de um *smartphone*, por meio do qual se compartilha mensagens, imagens, vídeos e áudios e se faz videochamadas. De acordo com Oliveira et al. (2014), o aplicativo multiplataforma opera por meio de números de telefone e se integra com a agenda de endereços dos usuários, permitindo, também, criar grupos, compartilhar localização e fazer *backup* do conteúdo postado nos grupos. O *Viber* também é um aplicativo multiplataforma que, segundo Barros, permite que os seus usuários se comuniquem sem qualquer custo; independente de qual versão do serviço eles e seus contatos utilizem, poderão aproveitar as mensagens e ligações gratuitas do *Viber*. No celular, ele é compatível com aparelhos Android, BlackBerry, iOS e Windows Phone. O aplicativo dá ao usuário a opção de incorporar contatos da agenda telefônica e ainda de conectá-lo ao *Facebook*. A comunicação entre usuários do *Viber* pode ser feita via texto, na aba “mensagens”, via voz, na aba “teclado” ou indo em “contatos” e tocando no perfil da pessoa com quem se deseja comunicar.

Conforme o site <www.significados.com.br>, o *MSN Messenger*, serviço de propriedade da Microsoft, foi lançado em 1999. Tratava-se de um *software* instalado no computador que permitia conversas instantâneas entre usuários conectados na internet em qualquer parte do mundo. Em 2005, ele passa a se chamar *Windows Live Messenger* e os contatos do bate-papo passaram a integrar também o *Hotmail*, surgindo em uma barra lateral, junto dos *e-mails*. Em 2013, a empresa anuncia a integração do *Messenger* ao *Skype*, que, além de fazer chamadas em vídeo para celulares e para amigos do *Facebook*, permite o compartilhamento de tela.

As mídias digitais vêm sendo cada dia mais utilizadas e seu uso vem interferindo nas escolhas, nos hábitos e costumes desta geração, em sua forma de se comportar, de se relacionar e de se comunicar. Conforme Souza (2003), as antigas mídias, como o rádio, o jornal impresso, a televisão, não são substituídas pelas novas mídias digitais, aquelas conectadas *on-line*, como os computadores e celulares; ambas coexistem e seguem promovendo modificação no modo de vida das pessoas, ganhando destaque a informática,

que avança velozmente, tornando o computador imprescindível, fazendo do planeta uma teia global de redes comunicacionais, promovendo transformações culturais que reorganizam e redimensionam as relações interpessoais na sociedade, desde que a internet, uma “agente de mudanças comportamentais”, permite o estabelecimento de relações virtuais.

No entanto, nesse contexto de mudanças, cada vez mais velozes, alguns olham com desconfiança para as relações estabelecidas *on-line*. Na concepção de Bauman (2004, p. 82), para o homem “sem vínculos” da modernidade líquida, “as conexões tendem a ser demasiadamente breves e banais para poderem condensar-se em laços”: “O outro lado da moeda da *proximidade virtual* é a *distância virtual*: a suspensão talvez até anulação, de qualquer coisa que transforme a contiguidade topográfica em proximidade” (Bauman, 2004, p. 81, grifos do autor). Assim, o namoro virtual tem êxito, porque dispensa o engajamento em tempo integral, o compromisso e a disponibilidade para o outro quando ele precisa. O casamento do tipo “até que a morte nos separe” segue sendo enfraquecido pela coabitação-teste, substituído pelo “ficar juntos” e pelos “casais semiseparados”, afirma o autor.

Entretanto, Lins (2007), fundamentando-se em Gonçalves, revela que “amores virtuais” guardam relação tanto com relacionamentos duradouros e estáveis como também com relacionamentos efêmeros e rápidos, e afirma que os “encontros virtuais” despertam ansiedade e medo de rejeição tal como nos encontros físicos. A autora postula, ainda, que os enamorados virtuais podem se sentir plenamente atendidos em uma relação amorosa que se inicia e/ou se mantém (apenas) virtualmente. Lemos e Lévy (2014) defendem que as relações estabelecidas *on-line* são uma possibilidade facultada pela cibercultura:

[...] os instrumentos do ciberespaço permitem a famílias dispersas, assim como às pessoas geograficamente afastadas do lar geográfico de sua comunidade nacional, manter contato estreito com seu grupo de pertencimento, principalmente com as novas tecnologias móveis (Lemos; Lévy, 2014, p. 105).

Essa possibilidade McLuhan e Powers (1989, p. 85, tradução nossa) previram:

Após uma ou duas gerações, a proximidade física deve dar lugar à proximidade eletrônica, tal como as novas etnias casam entre si e viajam para as regiões mais

remotas do país. Eles vão querer manter suas raízes parentais, bem como ir com o fluxo da assimilação. Então, pode-se esperar a construção de serviços de dados eletrônicos especiais para satisfazer essa necessidade.

As novas tecnologias da informação e comunicação, que conectam pessoas via internet, estão, de fato, à disposição daquelas que queiram estabelecer contato, manter a comunicação e deixar ou não a relação interpessoal ganhar consistência, ou seja, tornar-se menos “líquida” ao propiciar a formação de vínculos que tendem a permanecer na duração do tempo, na medida do interesse e/ou necessidade de seus usuários. A sociedade contemporânea assiste, assim, neste século à conformação de relações interpessoais estabelecidas virtualmente levando à constituição de famílias.

A subcultura familiar: a concepção sistêmica de família

A família é um sistema aberto, regido por suas leis e regras, que unem todos em prol de objetivos comuns, a fim de se organizar, de modo que todos os seus membros são interdependentes e se influenciam reciprocamente no cotidiano da vida em família, conforme Calil (1987). O sistema familiar compõe o suprassistema social e é composto de subsistemas: a famílias de origem, a família extensiva e a família nuclear, que, por sua vez, apresenta os subsistemas dos pais/filhos, dos irmãos e dos cônjuges. Assim, de acordo com Minuchin (1996), ao estudar os padrões transacionais que se desenvolvem entre os vários subsistemas da família – parental, fraternal, conjugal –, a estrutura familiar se coloca como o conjunto de exigências funcionais que não se pode ver e que organiza os modos de os membros de uma família interagir. Nesse contexto, então, ganha relevância a influência das gerações anteriores sobre as novas gerações.

Dedicando-se às “ciências da família”, Day (2010) aponta a relevância das “conexões geracionais”, ao afirmar que, na perspectiva socioemocional, as famílias transmitem às próximas gerações conhecimentos adquiridos, padrões e habilidades, estratégias para sobreviverem e resolverem problemas ou conflitos, ideologias sobre trabalho, educação e religião, crenças e rituais, por acreditarem que tais direcionamentos serão fundamentais para

que seus filhos prosperem. Segundo o autor, a conexão geracional humana construtiva provê a estrutura e os mecanismos de ajuda de que os filhos precisam para alcançar com sucesso a vida adulta. O capital social encontrado nas “conexões geracionais” pode estar entre os mais valiosos recursos quando os problemas surgem; muitos consideram os familiares uma pronta fonte de capital social, que vai além de cuidado e ajuda mútua e envolve verdade, confiança, história e afeto.

A vinculação entre gerações guarda outros aspectos que merecem atenção. Os filhos recebem toda uma influência geracional que tende a conduzi-los em sua vida adulta, inclusive em suas relações conjugais e familiares. Considerando que cada cônjuge cresceu em lares distintos, cada um traz consigo suas crenças e valores, sua forma de pensar e de agir, seus padrões de comunicação, as leis e as regras aprendidas em sua família de origem, que podem divergir (muito) ou guardar alguma, nenhuma ou expressiva semelhança com a do outro cônjuge. A alimentação, o vestuário, o repertório de cuidados com filhos e idosos, as festas, a arte, a cultura, enfim, das famílias de origem está sempre presente influenciando o comportamento do novo casal. Então, nesse contexto, importa destacar: “Conexões sociogeracionais construtivas ajudam-nos a ter um senso de bondade sem escravidão, proximidade sem sufocação, e identidade sem superidentificação” (Day, 2010, p. 104).

“Se observarmos com bastante cuidado, perceberemos que todos nós somos uma miscelânea” (McGoldrick, 2003, p. 9). Se cada pessoa em particular já é uma mistura, dois cônjuges são uma mistura de misturas. Nesse sentido, Carter e McGoldrick (2007) propõem que, quando duas pessoas se casam, colocam em interação dois sistemas inteiros, de modo que a nova família constituída tende a formar um novo sistema com identidade própria, na medida em que os cônjuges necessariamente fazem comunicar as regras e as leis de funcionamento de seus sistemas familiares anteriores – suas famílias de origem –, bem como os modos de vida, os valores, a língua e a religião, os rituais e as crenças, as tradições e os costumes dessas famílias com disposição para constituir seu novo núcleo familiar.

Como se percebe, a família é um encontro de culturas. Nessa mescla de culturas, que é o subsistema casal, os filhos chegam, ampliando-o em sistema familiar ao conformar a família nuclear. Os adultos – os pais – precisarão estar constantemente discutindo e chegando a

acordos acerca das orientações que darão a seus filhos na nova subcultura familiar que começa a surgir. Na perspectiva sistêmica, então, casamentos são enlaces interculturais, logo, as diferenças culturais são esperadas. No entanto, se o casal não estiver atento a essa mixagem cultural, pode acontecer de cada um em particular tentar impor a cultura de sua família de origem, gerando sérios conflitos. Uma família que se constitui a partir de sistemas familiares com modos de vida bastante semelhantes pode ter (muitos) conflitos em função das (poucas) diferenças percebidas. Em contrapartida, as diferenças culturais podem ser (muito) expressivas, como no caso de casais em que os cônjuges são de nacionalidades distintas, por exemplo, mas eles podem não ter (muitos) conflitos em razão disso.

As diferenças culturais poderão enriquecer o grupo familiar se o novo casal respeitar e valorizar a cultura do cônjuge com liberdade para propor adequações, se julgar necessário ao bom relacionamento no novo ambiente familiar. Nesse contexto, o estranhamento é natural e esperado, uma vez que, em geral, estranha-se o não familiar. Pode-se compreender com Winkelman (1994) que o “choque cultural” refere-se a uma experiência que apresenta diversas facetas e que advém de muitos estressores decorrentes do contato com uma cultura diferente, em especial, na opinião do autor, em virtude de aspectos cognitivos e comportamentais. Isto vai requer, dada a natureza de tal experiência, o reconhecimento de suas características e a implementação de estratégias para sua resolução, a fim de se promover uma adaptação.

Assim, as diferenças culturais podem ser motivo de conflito na medida da impossibilidade de compreender e aceitar as características do novo contexto cultural tal como ele se apresenta e em virtude da incompetência para se comportar de modo transigente e tolerante, gerando um choque de culturas e estabelecendo uma atmosfera emocional familiar algo desagradável de se vivenciar. Então, problemas relacionais na família em relação às diferenças culturais não necessariamente emergem pelo fato de as diferenças serem expressivas ou inexpressivas em número e qualidade, mas são promovidos pela inflexibilidade e pela inabilidade para atuar culturalmente nesse novo núcleo familiar.

Desse modo, refletir sobre a transmissão geracional da cultura no contexto das famílias é perceber com Laird (2003, p. 28) que a “cultura é atuada”: “‘Atuamos’ nossas

histórias culturais de gênero, etnia, raça etc., enquanto nos movemos através dos dias, no tempo e no espaço”. Segundo Laird (2003), McGoldrick destaca a relevância da dimensão cultural na vida familiar, alertando para a padronização que a etnia promove nos modos de pensar, de sentir e de se comportar de forma óbvia e sutil, determinando o que se come, o modo como se trabalha, como se relacionam as pessoas e como se celebram os dias sagrados e os rituais, além do modo como se sente a morte, a vida e a enfermidade. “A etnia, por exemplo, ou raça [...] é um conjunto de significados narrados, extraídos do passado, do presente e do futuro, que é em si definidor e constitutivo” (Laird, 2003, p. 32).

A cultura é contextual, fluida e emergente, está em constante mudança, afirma Laird (2003), uma vez que não há dois contextos idênticos, de modo que a mutabilidade dos ambientes conduz à mudança de quem se é; culturalmente, também, dança-se conforme a música. As narrativas pessoais e familiares são fortemente influenciadas pelas narrativas culturais, que aparecem como pontos de partida.

Etnia, gênero, classe social e outras narrativas não apenas refletem ou recriam significados existentes, mas criam novos à medida que esses vão sendo representados e improvisados. A cultura mais ampla, o grupo étnico, a família, nos oferecem símbolos, estereótipos e narrativas a partir das quais podemos escolher a forma em que nós, uma *bricolage*, vamos nos constituir e reconstituir (Laird, 2003, p. 32).

A cultura brasileira é essa bricolagem das culturas indígena, africana, portuguesa, italiana, japonesa, alemã, entre outras. A cultura brasileira é uma rica composição cultural. Uma família também é uma (re)composição personalizada de padrões estabelecidos pelas gerações anteriores. “Uma família é a viva expressão do encontro de famílias ao longo das gerações” (BOECHAT, 2017, p. 131). Famílias são, assim, o encontro de vidas, de histórias, de raças, de etnias, de culturas compondo uma subcultura própria e identitária.

As formas pelas quais os casais se aproximam e constituem família seguem a tendência de padronização cultural e são também construções culturais. Se no presente momento histórico a sociedade atua a cultura digital, os relacionamentos amorosos se tecem também na virtualidade do ciberespaço. A crescente popularização das mídias digitais permite que a comunicação mediada por tais tecnologias aconteça entre casais também. Eles podem

se conhecer em encontros presenciais e/ou virtuais e podem se relacionar fisicamente e/ou por meio das mídias digitais – inovações culturais da sociedade contemporânea. Mesmo que as gerações anteriores estranhem ou considerem até perigoso, cresce o número de pessoas que se aproximam via novas tecnologias da informação e comunicação. Mesmo que haja questionamentos quanto a ser uma possibilidade factual o que se vive no ciberespaço, mesmo que alguns considerem que as relações estabelecidas na internet geram um distanciamento, há casais que se encontram e constituem família a partir de relacionamentos virtuais, implantando inovações nas manifestações culturais relativas ao namoro e ao enlace matrimonial.

Consoante Cabral et al. (2016), o operário Clovis, que reside no Japão, e a brasileira Sheila, de Santo André (SP), trocavam mensagens instantâneas na Web nos anos 90. O relacionamento virtual foi evoluindo de amizade para amor, baseado na confiança, mesmo sem o estabelecimento de contato físico. Eles namoravam virtualmente há dois anos, quando Sheila propõe casamento a Clovis, pois se gostavam muito e ela precisava que seu filho Gabriel tivesse o nome do pai em sua certidão de nascimento. Clovis e Sheila se casaram por procuração, em 25 de outubro de 2013, em regime de comunhão parcial de bens. Posteriormente, o casal adotou o filho de Sheila e, anos mais tarde, a neta dela, Lorena, de cinco anos, filha biológica de Gabriel, também por procuração. A família virtual ou *e-family*, como a nomeiam os autores, por ter se constituído expressivamente por meio do relacionamento virtual e ter alimentado assim por 13 anos os laços familiares, não prescinde do compromisso, do apoio mútuo, do atendimento às necessidades emocionais e materiais do núcleo familiar.

Não apenas a família virtual se vale das tecnologias digitais para criar laços e mantê-los. Outros relacionamentos vêm se constituindo via mídias digitais no cenário contemporâneo. A respeito da influência das mídias digitais sobre o contexto interacional das famílias, Boechat (2017) postula que tal relação conforma um fenômeno complexo, cujo estudo requer uma visão sistêmica e uma abordagem interdisciplinar para tentar compreender de que modo o uso das mídias pode impactar o contexto interacional das famílias. Assim sendo, a autora estabelece o diálogo entre duas áreas do conhecimento – a Abordagem Sistêmica de Família e a Evolução das Tecnologias da Informação e Comunicação –

para analisar a complexidade de tal realidade fenomênica, apoiando-se no pensamento complexo de Morin e na concepção sistêmica, da qual não prescindem os teóricos da Comunicação nem os estudiosos das “ciências da família”.

Boechat (2017) assinala que os fatores tecnológicos impactam a comunicação – tomada como comportamento e interação – no ambiente familiar, mas não de modo linear apenas. Numa concepção sistêmica, a autora demonstra que, historicamente, os fatores tecnológicos se articulam a fatores sociais, culturais, políticos e econômicos, que inter-retroagem no cenário sociocultural para produzir consideráveis modificações na vida em sociedade, impactando, assim, a comunicação no contexto interacional das famílias, que, por sua vez, experimenta muitas transformações ao longo dos “ciclos de vida familiar”, em função das próprias regras e dos valores que cultuam as famílias, das suas tradições e crenças, dos seus padrões de comportamento e de comunicação, de fatores geracionais e econômicos vivenciados no ambiente familiar. Nesse contexto, família e sociedade se impactam reciprocamente.

A autora supra aponta, assim, que o uso das novas mídias digitais altera a comunicação, ou seja, o comportamento e a interação na subcultura familiar de diversos modos, quais sejam: novas categorizações caracterizam as gerações familiares; novas representações sociais propõem novos papéis aos membros das famílias/atores sociais, aos quais eles tentam corresponder, (re)definindo, constantemente, suas identidades; os padrões de comunicação, de interação e dos relacionamentos se modificam em âmbito familiar e extrafamiliar; novas reconfigurações as famílias experimentam em suas composições; novos riscos e oportunidades são oferecidos aos membros das famílias que precisam transitar pelas redes sociais digitais.

Sem deixar de considerar as amplas implicações que atravessam a relação entre as famílias e mídias digitais, mas atendo-se ao que concerne ao interesse deste trabalho, será apresentado o enlace intercultural de um casal que se encontrou via mídias digitais, cuja história este estudo busca conhecer e registrar. M.R.J e P.C.J se uniram em matrimônio, mas não por procuração. Uma brasileira e um libanês conheceram-se na internet, “deixaram” suas famílias de origem, casaram-se no Brasil e pretendem constituir sua própria família com dois

filhos. Essa história mostra, ainda, a participação das novas tecnologias digitais nos processos comunicacionais no âmbito das famílias ao trazer inovações para as manifestações culturais aí presentes.

As mídias digitais conectando culturas e fazendo história familiar

As mídias digitais têm participado da constituição das famílias e das manifestações culturais em âmbito familiar relativas ao namoro, ao noivado e ao enlace matrimonial. Buscando compreender como relacionamentos virtuais podem originar casamentos e como as tais mídias estão diretamente implicadas nos cerimoniais desses eventos, o texto enriquece a discussão teórica apresentando uma entrevista com o empresário M.R.J., de 40 anos, nascido em Beirute, no Líbano, e com a médica veterinária P.C.J., de 34 anos, nascida em Vitória (ES), no Brasil, residentes e domiciliados em uma cidade do litoral capixaba (Apêndice). Ambos se cadastraram no *Viber* “com o objetivo de aprendizado” e conversavam com muitas outras pessoas. Ela tinha o “objetivo de aperfeiçoar o inglês” e ele de “aprender português”, pois morava em Angola a serviço e falava árabe 80% do tempo. O aplicativo *Viber* cruzou os dados e colocou ambos em contato para conversação em inglês pelo serviço *Hello Talk*.

A história de P.C.J. e M.R.J. ilustra como o encontro entre duas pessoas que acontece, inicialmente, por meio das novas tecnologias da informação e comunicação pode se transformar em casamento e como essas mídias possibilitam aos noivos e às suas famílias de origem, que vivem em continentes distintos, participar efetivamente em tempo real dos rituais do enlace matrimonial. Ambos estreitaram relações a partir de um contato estabelecido com a finalidade de aprendizado. Eles não buscaram na internet um *site* de relacionamento. Na verdade, nunca tinham imaginado tal possibilidade para si. De uma relação totalmente despretensiosa em relação a envolvimento afetivo, o casal evolui para o namoro *on-line* e, em seguida, para o casamento tradicional. Esse fato desconstrói duas ideias e afirma a terceira: relacionamentos virtuais são sempre banais e efêmeros; a proximidade virtual afasta ou impede a proximidade física; uma relação afetiva estabelecida no ciberespaço pode adquirir permanência a ponto de se desdobrar em uma relação estável, em um casamento.

P.C.J. e M.R.J., quando perceberam que o relacionamento ganhava novos contornos, começaram a prestar atenção a outros aspectos como confiança, segurança, grau de flexibilidade para lidar com a “radical diferença cultural”, capacidade para desconstruir preconceitos e formar novos conceitos, valorização dos símbolos e narrativas de sua subcultura familiar, perseverança para honrar compromissos firmados, possibilidade de criar novos padrões a partir daqueles étnicos herdados de seus pais, habilidade relacional para “apostar na possibilidade de dar certo”. Imbuídos de tais perspectivas, o casal decide assumir a escolha pelo matrimônio.

Inicialmente, a família de P.C.J. demonstrou preocupação em relação a emprego para M.R.J. no Brasil, às possibilidades de ele manter financeiramente a família e ao fato de ser muçulmano, mas esses aspectos foram se modificando na convivência com ele. Assim, as famílias de origem de ambos não se opuseram ao casamento, ao contrário, se utilizaram das mídias digitais para participar efetivamente das cerimônias de noivado e casamento de seus filhos, trazendo inovações para as manifestações culturais em âmbito familiar relativas aos rituais de enlace matrimonial que se deram seguindo a tradição das culturas libanesa e brasileira.

Em maio de 2015, estando M.R.J. no Líbano, suas famílias de origem paterna e materna celebraram o noivado em dias distintos, comemorações que foram transmitidas *online* à P.C.J. e à sua família de origem. “As alianças que usaríamos estavam ali sendo abençoadas pelas famílias materna e paterna dele, que abençoaram a nossa união. Nesses dias, conheci toda a família dele por *Skype*”, relata P.C.J., descrevendo que o casamento no Brasil foi realizado em 27 de junho de 2015 e que foi transmitido via *Skype* para o Egito e para a Síria, onde moram irmãos de M.R.J., e para o Líbano, onde moram os pais e a irmã caçula dele, já que, apesar de ter se planejado para estar no Brasil na data do casamento, a família dele não conseguiu chegar para a cerimônia, porque o visto não foi obtido em tempo hábil devido a questões burocráticas.

O casal se utiliza dos próprios “instrumentos do ciberespaço” que o uniram num passado recente – e que participaram das celebrações de seu enlace matrimonial, viabilizando a participação das famílias de origem que não se daria de outro modo naquele momento –

para continuar transformando distância em proximidade ao manter, no presente, relacionamentos com seu “grupo de pertencimento”, seus amigos e familiares, que vivem neste país e em outros países, uma vez que a “mídia deixa tudo perto”, e olha para o futuro compartilhando fé e determinação.

O novo núcleo familiar constituído é um encontro de culturas. P.C.J. e M.R.J. “atuam” cultura e exploram contextos bastante diversos, transformando-se a si mesmos e as situações, quando isso lhes é exigido, com a habilidade e a flexibilidade de quem entende que expressivas diferenças culturais não implicam, necessariamente, choque cultural. Eles colocam em interação dois sistemas familiares inteiros com disposição para iniciar a constituição de sua família com identidade própria, sem deixar de incluir suas famílias de origem brasileira e libanesa como capital social, para vivenciar reciprocamente cuidado, ajuda mútua, verdade, confiança, história e afeto, estabelecendo com elas uma “conexão geracional construtiva”.

A riqueza de tal experiência virtual não pode ser tomada como um padrão único que se estabelece entre pessoas que se conhecem por meio das novas tecnologias digitais e estabelecem uma relação amorosa que culmina em casamento, haja vista a complexa relação entre as famílias e as mídias digitais de que trata este estudo. O complexo fenômeno indica que muito há de se analisar acerca da inter-retroação de vários fatores – culturais, sociais, políticos, econômicos e tecnológicos, bem como geracionais, comunicacionais, entre outros – interferindo nas formas de relações virtuais e não virtuais entre casais e entre familiares.

Considerações finais

Algumas vezes, pessoas se conectam nas redes sociais digitais sem a pretensão de estabelecer um vínculo afetivo, mas apenas com a intenção de se divertir, fazer amigos, aprender, pesquisar, enfim, viver experiências que em nada se aproximam de namoro, muito menos, casamento.

No entanto, um relacionamento entre duas pessoas que se dá, inicialmente, por meio das novas mídias digitais pode se tornar casamento se ambas se afeiçoarem uma à outra e decidirem estreitar os vínculos, assumindo-se namorados virtuais. Daí em diante, ambos estarão vivenciando os riscos e aceitando as responsabilidades inerentes a qualquer

relacionamento, escolhendo os rumos que darão a essa relação afetiva, haja vista a experiência da *e-family*, que se constituiu expressivamente por meio do relacionamento virtual e alimentou assim por 13 anos os laços familiares, tendo por imprescindíveis o compromisso, o apoio mútuo, o atendimento às necessidades emocionais e materiais do núcleo familiar.

Portanto, ao usar as mídias para compor famílias – encontro de vidas, de histórias, de raças, de etnias, de culturas que estabelece uma subcultura própria e identitária – nas redes sociais digitais, os namorados e cônjuges optam por uma das formas pelas quais podem se aproximar e constituir sua família, tecendo relacionamentos amorosos também na virtualidade do ciberespaço, seguindo a tendência da sociedade contemporânea que atua a cultura digital, implementando, inclusive, inovações nas manifestações culturais em âmbito familiar relativas ao namoro e aos rituais de enlace matrimonial.

Assim, este estudo sobre a constituição de família influenciada pelas mídias digitais mostra que, por meio de relacionamentos virtuais, mesmo sem a pretensão de relacionamento afetivo íntimo, as pessoas podem tornar-se íntimas a ponto de decidir-se pelo matrimônio. Evidencia, ainda, que as novas tecnologias da informação e comunicação passam a integrar os dinâmicos processos comunicacionais presentes nas manifestações da subcultura familiar, como os ritos de encontros amorosos durante o namoro e os rituais de noivado e celebração de casamento.

Referências

BARROS, Thiago. **Veja como usar o Viber no celular e conheça as principais funções do app.** Disponível em <http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2014/03/veja-como-usar-o-viber-no-celular-e-conheca-as-principais-funcoes-do-app.html>. Acesso em 02 fev. 2017.

BAUMAN, Zigmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BOECHAT, Ieda Tinoco. **As famílias e as tecnologias digitais: a comunicação pela articulação de vieses não antes explorados.** Curitiba: Editora Appris, 2017.

CABRAL, Hildeliza Lacerda Tinoco Boechat; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de; BOECHAT, Ieda Tinoco; MANHÃES, Fernanda Castro **AS TECNOLOGIAS (DIGITAIS) PARTICIPANDO DA**

CONSTITUIÇÃO DAS FAMÍLIAS: uma abordagem sócio-histórica. Disponível em: http://www.lex.com.br/doutrina_27207969_AS_TECNOLOGIAS_DIGITAIS_PARTICIPANDO_DA_CONSTITUICAO_DAS_FAMILIAS_UMA_ABORDAGEM_SOCIO_HISTORICA_1.aspx. Acesso em: 27 ago. 2016.

CALIL, Vera Lucia Lamano. **Terapia familiar e de casal:** introdução às abordagens sistêmica e psicanalítica. São Paulo: Summus, 1987.

DAY, Randal Donald. **Introduction to family processes.** 5th ed New York: Routledge, 2010.

LAIRD, Joan. Teorizando a cultura: ideias narrativas e princípios da prática clínica. In: MCGOLDRICK, Monica. (cols) **Novas abordagens da terapia familiar:** raça, cultura e gênero na prática clínica. São Paulo: Rocca, 2003.

LEMONS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet:** em direção a uma ciberdemocracia. 1. ed. 4. reimp. São Paulo: Paulus, 2014.

LINS, Regina Navarro. **A cama na varanda:** arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo: novas tendências. Rio de Janeiro, Best Seller, 2007.

MCGOLDRICK, Monica. Introdução: re-vedo a terapia familiar através de uma lente cultural. In: MCGOLDRICK, Monica. (cols) **Novas abordagens da terapia familiar:** raça, cultura e gênero na prática clínica. São Paulo: Rocca, 2003.

MINUCHIN, Salvador. **Famílias:** funcionamento e tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

OLIVEIRA, Estêvão Domingos Soares de; MEDEIROS, Hercilio de; LEITE, Jan Edson Rodrigues; ANJOS, Eudisley Gomes dos; OLIVEIRA, Felipe Soares de. **PROPOSTA DE UM MODELO DE CURSOS BASEADO EM MOBILE LEARNING:** um experimento com professores e tutores no WhatsApp. Anais do XI Congresso de Ensino Superior a Distância. Florianópolis/SC. 05 a 08 de agosto de 2014. ESUD/UNIREDE. Disponível em: <http://esud2014.nute.ufsc.br/anais-esud2014/files/pdf/128186.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2017.

RECUERO, Raquel. **As redes sociais na Internet.** Coleção Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2009.

Significado de MSN Messenger. Disponível em: <https://www.significados.com.br/msn-messenger/> Acesso em: 09 fev. 2017.

SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de. **Comunicação, educação e novas tecnologias.** Campos dos Goytacazes, RJ: Editora FAFIC, 2003.

**RIF, Ponta Grossa/ PR Volume 15, Número 35, p.141-164, Julho/Dezembro
2017**

WINKELMAN, Michael. Cultural shock and adaptation. **Journal of Counseling & Development**.
Volume 73. November/December, 1994. Disponível em:
http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/j.1556-6676.1994.tb01723.x/epdf?r3_referer=wol&tracking_action=preview_click&show_checkout=1&purchase_referrer=br.search.yahoo.com&purchase_site_license=LICENSE_DENIED. Acesso em: 10 set. 2017.

Artigo recebido em: 19/10/2017

Aceito em: 30/11/2017

Apêndice

Entrevista com o empresário M.R.J., de 40 anos, nascido em Beirute, no Líbano, e com a médica veterinária P.C.J., de 34 anos, nascida em Vitória (ES), no Brasil, residentes e domiciliados em uma cidade do litoral capixaba. Ambos se cadastraram no *Viber*. Ela pretendendo “aperfeiçoar o inglês” e ele “aprender português”. O aplicativo *Viber* cruzou os dados, colocando-os em contato para conversação em inglês pelo serviço *Hello Talk*.

Entrevistadores – Qual seu primeiro contato com as mídias digitais?

M.R.J. – Em setembro 2007, comecei a usar MSN e depois *Facebook*, para me comunicar com a família.

P.C.J. – *Orkut* e MSN em 2005/2006, para me comunicar com meus amigos e para manter contato com colegas de turma, pois estudei na Bahia e, após minha formatura, esse foi o meio de comunicação que utilizei para continuar a me relacionar com eles.

Entrevistadores – De que modo as mídias digitais participam de seu cotidiano?

Ambos – De muitas formas.

M.R.J. – Todo dia, dia inteiro. (risos)

M.R.J. mostra os aplicativos de que se utiliza em seu celular para pagar contas, para se comunicar com a família e amigos, fazer o *marketing* da empresa. Ele usa, além do *WhatsApp*, preferencialmente, *e-mails*, *messeger* e *Viber*, porque no Egito e em Dubai quase não se usa *WhatsApp*.

Entrevistadores – Como vocês se conheceram?

P.C.J. – Em junho de 2014, nós nos cadastramos no *Hello Talk*. A primeira coisa que perguntei pra ele é se ele era muçulmano. Ele respondeu: “Sim, por quê?”. Eu respondi: “Porque segundo a mídia, todo muçulmano é terrorista”. Hoje sei que essa é uma visão deturpada. Nesses diálogos, o interesse de M.R.J. pelos jogos da Copa do Mundo de 2014, que aconteceu aqui no Brasil, foi tornando a conversa mais pessoal e, com o passar do tempo, depois de um mês de interação, ele me pediu meu *WhatsApp*, porque o aplicativo que nós usávamos não permitia contato mais íntimo, envio de fotos, ampliação da foto do perfil, conversa através de vídeo.

M.R.H. – Ela atendeu ao meu pedido e passamos a conversar com mais frequência em inglês. Depois de dois meses, disse a ela que eu estava indo à Embaixada pedir o visto para ir ao Brasil, pois estava interessado em conhecê-la pessoalmente em dezembro do mesmo ano.

P.C.J. – Ele não antecipou uma proposta mais séria, como a de namoro, pois trata essa questão com muita seriedade. Ele foi cauteloso devido à radical diferença cultural: língua, religião, localização geográfica (distante do país de origem), incerteza de emprego, período de instabilidade econômica, época em que o Brasil estava entrando na crise.

Entrevistadores – Quando se encontraram fisicamente pela primeira vez?

P.C.J. – O primeiro encontro foi no aeroporto de Vitória, no dia 10 de dezembro de 2014. Em seguida, ele se hospedou em Guarapari, permanecendo por 20 dias no Brasil. Tirei férias no trabalho para nos conhecermos melhor. Fizemos viagens a São Paulo, onde eu tive maior contato com a religião dele, pois visitamos a Mesquita Juventude Islâmica do Pari. A visita à Mesquita quebrou meu preconceito em relação ao islamismo, pois conheci o outro lado do Islã. A mídia divulga que todo muçulmano é terrorista. No entanto, não foi o que vi lá. O *sheik* pregava que os maridos deviam respeitar a religião das esposas brasileiras, realçando que nada pode ser imposto, mas que a “reversão”, a conversão ao islamismo, deve ser voluntária. Visitamos, também, os amigos dele, oportunidade em que eu senti na pele o preconceito: a vestimenta das mulheres, uma vez que elas usam *hijab*, roupas de manga longa e saia longa ou calça comprida sem delinear o corpo; o lugar destinado a elas dentro da Mesquita; o

namoro, que não revelamos ali, pois pareceria aos olhos deles que M.R.J. estivesse desrespeitando os preceitos religiosos. No Rio de Janeiro, visitamos Copacabana e retornamos.

M.R.J. – Em 30 de dezembro de 2014, voltei ao Líbano com a promessa de que retornaria ao Brasil, mas sem prometer algo mais sério. Em março de 2015, enviei dinheiro e todos os documentos necessários para serem traduzidos e dar entrada no Cartório. Em 12 de maio de 2015, vim morar no Brasil.

Entrevistadores – Como foi vê-lo(a) fisicamente pela primeira vez?

P.C.J. – O que você vê no vídeo é muito diferente do que você vê pessoalmente: é muito excitante. Imaginava-o mais alto, mais gordinho; a fisionomia é bastante diferente do que mostrava o vídeo.

M.R.J. – Ela era muito diferente pessoalmente.

Entrevistadores – Como aconteceu o pedido de casamento?

M.R.J. – Perguntei por *Viber* se ela queria se casar comigo. Ela disse: “sim”. Mas não falou pra família dela. Ela só falou quando cheguei aqui em maio. (risos)

P.C.J. – Tinha receio dos questionamentos: casamento rápido, pessoa desconhecida, outra religião, estrangeiro... Imaginei que as pessoas me diriam que eu seria raptada, que teria que usar roupas longas... A preocupação da minha família foi quanto a emprego e manter a família. No Líbano, ele tinha uma cafeteria dentro da Universidade, que renovou o contrato com outra pessoa. Ele foi para Angola trabalhar com amigos que tinham oficina e reservou espaço para ele trabalhar com limpeza de carros a vapor. Mas ele não se adaptou à cultura. Ele estava tendo problemas com o sócio e estava muito solitário lá, meio depressivo.

Entrevistadores – Vocês já haviam imaginado essa possibilidade para si próprios antes de se conhecerem virtualmente?

P.C.J. – Nunca podia imaginar que um cara do outro lado do mundo viesse despencar aqui!
M.R.J. diz para eu nunca falar para nossos filhos que nos conhecemos pela internet. Ele acha muito arriscado.

M.R.J. – Eu nunca também. Nunca pensei em vir ao Brasil senão para jogos de futebol. (risos)

Entrevistadores – Como suas famílias de origem receberam a notícia do casamento de vocês?

P.C.J. – A primeira vinda dele ao Brasil foi escondido da minha família, porque eu não sabia se era algo sério, se teria futuro ou não; depois, minha mãe, por ser evangélica, achava muito arriscado relacionamentos pela internet, e eu não queria trazer preocupação para ela. Mas o perfil do *Facebook* dele era todo aberto para mim. Ele ligava câmera com os pais no mesmo ambiente, eu dava tchauzinho pra eles. Mostrava-o também, pela *webcam*, para meu irmão e minha mãe, que me questionava: “Você tem certeza de que você quer se relacionar com muçulmanos?”. Isso, justamente, na época em que o Fantástico exibiu a reportagem sobre violência doméstica no Líbano e apresentou as mulheres como propriedade dos maridos, impedindo-as de sair do país, enfatizando uma cultura patriarcal e machista. De fato, há algumas coisas assim, como, por exemplo, se o casal se separar, os homens ficam com a guarda dos filhos; as filhas de libaneses nascidas no Brasil não têm direito a dupla cidadania.

M.R.J. – Minha família não se opôs, pois nunca havia falado em casamento; também, porque eles entendem que estava escrito por Deus. No dia 08 de maio, minha família paterna fez o nosso noivado que foi transmitido *on-line* à P.C.J. e à sua família e, no dia 09 de maio, a minha família materna fez a mesma celebração.

P.C.J. – As alianças que usaríamos estavam ali sendo abençoadas pelas famílias materna e paterna dele, que abençoaram a nossa união. Nesses dias, conheci toda a família dele por *Skype*.

Entrevistadores – Vocês não tiveram receio de estreitarem um relacionamento iniciado *on-line*?

P.C.J. – Eu não tive medo; ele me passava confiança e eu constatei que tudo o que ele me dizia era verdade. Eu vi que a única estrangeira que tinha no *Facebook* dele era eu. Eu acompanhava a rotina dele.

M.R.H. – Eu conversei com ela de cinco para seis meses e a impressão era a de que a conhecia há muito tempo. Eu confiava nela. Eu checava tudo o que ela dizia também.

Entrevistadores – Qual seu conceito de família?

P.C.J. – A união de duas pessoas com os mesmos ideais com o objetivo de construir um lar e uma herança, que seriam os filhos. Sou cristã, evangélica, tanto que nos casamos em cerimônia cristã evangélica, uma cerimônia em casa, com pastor de origem árabe. Isso me deu um pouco mais de segurança por não haver preconceitos. A família do pastor é, também, libanesa. Nosso casamento, realizado em 27 de junho de 2015, foi transmitido via *Skype* pro Egito, pois a irmã de M.R.J. mora lá, para a Síria, para a outra irmã dele, e para o Líbano, para os pais e a irmã caçula dele. A família dele estava pronta para vir, mas não obtive o visto em tempo hábil.

M.R.J. – Família para mim é você. Na nossa religião, o casamento dá continuidade à família e à própria religião, já que é o cumprimento do Alcorão: “dinheiro e meninos embelezam a vida”. Filho traz prosperidade, aumenta riqueza; filho nasce, ganha presente, os pais têm motivação para trabalharem mais... Queremos dois filhos.

Entrevistadores – E as diferenças culturais?

P.C.J. – A principal é a religião. Mas ele não coloca isso como um problema. Ele fez a ceia de Natal da minha família este ano. É a religião que rege a Constituição no Líbano. Lá não há

casamento civil, apenas religioso. Religião e política andam juntas lá: parte da bancada é para muçulmanos e parte para cristãos, para haver equilíbrio. Ora o Presidente é muçulmano ora cristão.

M.R.J. – Não tive dificuldade com a religião dela, só pedi para ela evitar beber álcool e comer carne de porco, que é *haram* (pecado); se ela comer, transmite para mim, porque somos uma só carne. Eu não posso trocar as coisas aqui. Eu aceito, eu deixo acontecer. Eu não fecho, deixo aberto. Evita conflitos.

Entrevistadores – Qual será a religião dos filhos?

P.C.J. – Os próprios filhos decidirão qual religião seguir. Aqui não tem Mesquita, o que eles vão aprender sobre o islamismo será com ele.

M.R.J. – Muçulmanos, porque fica como o pai.

Entrevistadores – Vocês conhecem outras famílias que se constituíram como a de vocês?

P.C.J. – Eu não conheço.

M.R.J. – Não. Eu só tinha visto casamento *on-line* de amigos do Canadá e EUA, transmitido em tempo real.

Entrevistadores – Vocês conhecem a *e-family*?

P.C.J. – Já conhecia a história através da TV.

M.R.J. – Não.

Entrevistadores – De que modo um relacionamento entre duas pessoas que se dá inicialmente através das mídias digitais pode chegar ao casamento?

P.C.J. – Por Deus, porque, na realidade, tem muitas pessoas que se relacionam virtualmente e que não dá certo. É o destino. É um em um milhão. Uma loteria. Tem duas possibilidades como qualquer relacionamento: de dar certo e de dar errado. Vou apostar na possibilidade de dar certo. Dizem que o namoro é para conhecer a outra pessoa, mas você só sabe quem é a pessoa depois que está debaixo do mesmo teto, só a conhece morando com ela. Nós dois fomos corajosos. O poder de decisão dele até me assustava. Para o muçulmano, a palavra é uma só. Lá é sim ou não. Tive que me programar para casar em dois meses. Não foi nada planejado com antecedência, mas tudo fluiu, como ele fala que “Deus provê”. Até a igreja aceitou o casamento de uma cristã com um muçulmano. Quebramos muitas barreiras, tanto para a religião dele quanto para a minha. Minha mãe chega a dizer: “Deus mandou um filho de tão longe para mim”. A visão materna dentro da família muçulmana é muito forte, por isso, esse carinho dele com a minha mãe.

A mídia modifica a história de muita gente, não somente a nossa. Através da vinda dele, veio um amigo, que está namorando uma brasileira. Agora, ele está convidando outro amigo libanês, que mora nos EUA para vir também.

M.R.J. – Eu não pensava de vir ao Brasil... Deus escreveu. Mídia troca a vida toda: Brasil é muito longe, mas não é, pois mídia deixa tudo perto. Troquei aplicativo, conheci P.C.J. e abri minha empresa.